

FHC DECEPCIONA MERCADO

Carlos Moura



Presidente não define cortes nos gastos do governo para compensar o aumento dos juros da dívida pública. Bolsas caem e dólar sobe

João Pitella Jr.,
Sandro Silveira
e Vicente Nunes
Da equipe do Correio

Frustração. Esse foi o sentimento que tomou conta da maior parte dos investidores e dirigentes de instituições financeiras depois da entrevista coletiva concedida pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, ontem pela manhã. Além de admitir que o Brasil está vulnerável a novos ataques especulativos, "mesmo com todos os indicativos positivos que a economia está apresentando", o presidente, na avaliação do mercado, decepcionou por não apresentar propostas concretas para tornar o País mais resistente à especulação.

A deceção custou caro. As bolsas de valores caíram, depois de dois dias consecutivos de alta, e as taxas de juros e os preços no dólar no mercado futuro subiram. "Havia uma expectativa geral de que o presidente apresentaria os cortes no Orçamento da União para compensar os gastos extras com o aumento das taxas de juros, num amplo ajuste fiscal", disse André Petersen, diretor da Área Internacional do Banco Prosper. "Ninguém esperava um número expressivo. Mas, qualquer que

fosse a sinalização na linha de economia nos gastos, já seria suficiente para mostrar aos investidores que o governo está partindo do discurso para a prática", acrescentou o executivo.

A Bolsa de São Paulo registrou desvalorização de 2,5% e a do Rio, baixa de 1,7%. Os juros dos Certificados de Depósito Bancário (CDBs), que tinham iniciado o dia em 29% ao ano, a menor taxa desde quinta-feira passada, fecharam em 35%. No mercado futuro, os juros dos contratos com vencimento em dezembro passaram de 2,89% para 2,97%. Para março, a taxa subiu de 2,10% para 2,13%. No

mercado de câmbio, os contratos de dezembro subiram 0,10%; nos de janeiro, 0,16%; e, nos de março, 0,19%.

TURBULÊNCIA

"Eu, particularmente, não acreditava que o presidente fosse anunciar ontem os cortes no Orçamento. Mas essa expectativa foi criada pelo próprio governo, o que é muito ruim, principalmente por estarmos vivendo um momento de grande turbulência em todo o mundo. O pior que se pode fazer nesse momento é frustrar as expectativas dos investidores", ressaltou o economista Raul Velloso, um dos maiores especialistas em contas públicas no país.

Na opinião de José Júlio Senna, o

**"EU DIGO NÃO,
EU DIGO NÃO."**

Sobre os gastos de parlamentares

**"NÃO CONVIDEI A
OPosição. NÃO SOU
MASOQUISTA."**

Para discutir sobre a crise financeira

**"CHEGOU UM MOMENTO
QUE COMEÇOU A
CHUVISCAR. AINDA BEM
QUE TÍNHAMOS UM
GUARDA-CHUVA."**

Comentando a crise nas bolsas e a alta dos juros

**"PONHAM AS BARBAS
DE MOLHO."**

Conselho para o consumidor no Natal

**"EU NÃO ENTENDO DE
PORNOGRAFIA."**

Comentando as declarações de Paulo Maluf sobre os juros pornográficos

FHC, ao lado de Malan: "Por mim, os juros cairiam hoje. Mas o fato de permanecerem altos, a curto prazo, não resultarão em recessão"

diretor do Banco Graphus, o prazo do governo para convencer os investidores e os agentes econômicos de que vai mesmo cortar gastos é de, no máximo, uma semana. "Sei que é complicado definir cortes no Orçamento a menos de dois meses do fim do ano. Mas essa medida é importantíssima para os investidores saberem até quando o País conseguirá aguentar a política de juros tão altos (passaram de 20% para 43% ao ano na semana passada)", explica Senna. "Estamos no meio de um jogo e todos querem saber se o reservado que será escalado cumprirá bem sua função", disse.

Na entrevista, o presidente Fer-

nando Henrique admitiu a importância de quebrar as expectativas. "A crise revelou que precisamos diminuir a vulnerabilidade do país. Mas não podemos fazer mágicas. Admito que a aprovação das reformas não se

rá um 'abre-te Sésamo'. Além das re-

formas, cujos resultados virão a longo prazo, teremos muitas outras tarefas pela frente, como ajustar as contas públicas e equacionar as contas externas, nesse caso, incentivando as exportações", afirmou o presidente, com muito bom humor.

EMBARAÇOS

Vestindo terno claro e ladeado pelos ministros Pedro Malan, da Fazenda, e Antonio Kandir, do Planejamento, Fernando Henrique fez questão de reafirmar, a todo instante, o compromisso do governo com a atual política econômica. Questionado sobre a possibilidade de o Banco Central mexer na política cambial, ele foi taxativo: "Isso não está em cogitação". Sobre as taxas de juros, o presidente admitiu que não há prazo para elas cairem, mas reconheceu que, caso continuem muito altas, criariam embaraços na economia. "Por mim, os

juros cairiam hoje. Mas o fato de permanecerem elevados, a curto prazo, não resultará em recessão. Eu nunca fui recessivo", brincou.

Fernando Henrique reconheceu as fragilidades da economia brasileira, garantindo, porém, que hoje o País dispõe de mecanismos seguros para

superar a crise que se abateu sobre o mundo. "Nos Estados Unidos, cuja economia está em franca expansão, num dos melhores momentos da história daquele país, a Bolsa de Nova York foi atingida pelas turbulências que partiram da Ásia. No Brasil, mesmo com os indicadores positivos, não seria diferente", disse. "Não se trata de tapar o sol com a peneira. Estamos tomando todas as medidas que nos permitirão fazer uma travessia segura", garantiu.

Confiança à parte, o presidente pediu a união do governo, do Congresso e da sociedade para a aprovação

das reformas, que permitirão uma economia de R\$ 79 bilhões em dez anos na Previdência Social e de R\$ 8 bilhões anuais na área administrativa. "O dinheiro não virá agora, mas as reformas têm efeitos sobre as expectativas do futuro da economia. Expectativas melhores permitirão reduzir a taxa de juros", frisou.

Na avaliação de Fernando Henrique, essa união não deve ser entendida como politicagem, pois ele está falando de um projeto maior, que é o Brasil. "Não é hora de politicagem, não gosto e não tenho paciência para isso", ressaltou. "Cabe a nós preservar a moeda do país, que há alguns anos não tínhamos. Essa moeda é a estabilidade, a previsibilidade, garantida por um processo democrático. As donas-de-casa, os trabalhadores e o servidor público gostam de saber que, no fim do mês, os preços não vão aumentar", afirmou.